

Nota dos editores

Este número de Estudos Econômicos abre uma fase nova em nossa revista, a de seções especializadas. Pretendemos, a partir daqui, servir como veículo de divulgação e, portanto, incentivar e contribuir aos estudos sobre a história econômica do país. Neste sentido, o Instituto de Pesquisas Econômicas também se engaja no esforço de pesquisa e reinterpretação do nosso passado, esforço que nos últimos anos tem sido relativamente extenso. Este número e os que se seguem, procuram reunir trabalhos de historiadores e economistas, brasileiros e estrangeiros, de sorte a estimular o debate e a pesquisa.

O primeiro trabalho discute, do ponto de vista macroeconômico, as principais linhas da evolução econômica brasileira desde o início da República até a década dos 60. Seu autor é Albert Fishlow, da Universidade de Berkeley, amplamente conhecido no meio profissional e um dos mais destacados elaboradores da "New Economic History" americana.

Considerando as contribuições de Furtado, de Pelaez e de Villela e Suzigan, amplia-se e aprofunda-se o debate recente sobre os principais lances e as políticas que determinaram o moderno desenvolvimento econômico brasileiro.

Os demais trabalhos focalizam problemas relacionados com a demografia, o mercado de trabalho e posse da terra no Brasil. Dra. Alice Piffer Canabrava, da Universidade de São Paulo, apresenta as principais características da repartição da terra e concentração regional da propriedade na área paulista da Capitania de São Paulo, no início do século XIX. Maria Luiza Marcilio, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, procura pesquisar as principais características do domicílio e da organização familiar na Capitania de São Paulo, a partir das Listas Nominativas de Habitantes. Thomas Holloway, da Universidade de Wisconsin, apresenta uma contribuição acerca do papel do migrante nas fazendas paulistas de café no fim do século XIX, ressaltando excepcionalmente as oportunidades de melhoria e ascensão social que a situação dos mercados de trabalho e café lhes proporcionavam. Finalmente, Peter Eisenberg, da Univer-

sidade de Rutgers, avalia as condições em que se processou a transição do trabalho escravo para o assalariado na região canavieira do nordeste. Ao contrário do que usualmente se pensa, esta transição foi bastante suave, e as possibilidades de substituição por tipo de trabalhador, e os arranjos institucionais (tipo parceria) garantiram que continuasse baixo o custo do trabalho, não alterando o próprio controle dos fazendeiros sobre a estrutura da produção.

Os próximos números apresentarão novas contribuições.

Vale também lembrar que comentários sobre os trabalhos publicados são bem aceitos pela direção da revista. Este é, aliás, o nosso propósito básico, o de contribuir para o progresso da pesquisa histórica no país, bem como estimular a discussão e o debate no meio profissional.

Douglas H. Graham

José Roberto Mendonça de Barros